

A TAÇA DO GRAAL

A BUSCA DE COMUNHÃO CADA VEZ MAIS PROFUNDA UMAS PARA COM AS OUTRAS, A TERRA, DEUS

por Anne Hope

Vimos de muitas terras,
de muitas ocupações, de múltiplas culturas,
atraídas pela lenda do Graal.
É o nosso misterioso símbolo de Benção,
de generosidade, de partilha e de paz,
de plenitude e entendimento – Shalom.

A busca do Graal é uma busca do desejo,
desejo ardente, de pertencer.
Julgo que todas nós estamos no Graal
por desejarmos um mundo diferente,
um mundo de paz e abundância,
de justiça e amor,
um mundo de cuidado,
de amizade e convivialidade
onde se vive em conjunto com gosto,
partilhando generosamente
a abundância dos dons de Deus;
um lugar onde as necessidades
humanas fundamentais de cada pessoa
- homem, mulher, criança - possam ter resposta.

Temos consciência das nossas próprias feridas
e limitações, o que aumenta ainda a urgência
da procura de plenitude,
de uma vida em abundância
para nós e para os outros.
Essa plenitude envolve saborear a bondade,
a verdade, a beleza.
Porém, apenas em raros momentos de sintonia
com os outros e com o mundo que nos rodeia,
intuímos essa misteriosa e fugitiva Presença,
dentro de nós e tão para além,
a que em geral chamamos Deus.
Desejamos intimidade com os outros
e também intimidade com Deus.

John Donohue, poeta e filósofo irlandês,
escreve sobre o “desejo de pertencer” nestes termos:

“O coração humano é habitado por desejos muito diversos.
Cada um deles com voz própria, fazem apelos à vossa vida.
E em momentos diferentes e de modos inesperados
segredam convites aos nossos ouvidos.
Subterrâneo a todos eles, existe desde sempre em nós uma aspiração que está sempre lá
e que há-de acompanhar cada momento
da nossa vida futura.
É uma aspiração ou desejo que nunca saberemos discernir com clareza mesmo se nunca deixa de chamar
por nós.”

“Essa voz vem da nossa alma
é a voz ardente do desejo de eterno em nós,
confirmando-nos como incansáveis peregrinas sobre a Terra.
Há algo em nós
que ninguém nem nada no mundo pode satisfazer...
Se acolhermos essa profundidade
ficaremos mais despertas, alerta,
quanto à razão por que habitamos a Terra.

“Se escutarmos a voz desse desejo fundo,
ouvi-lo-emos constantemente chamar-nos
para assumirmos diferentes modos de pertença.
E por que razão precisamos de pertencer?
“O abrigo que a pertença nos dá permite que ganhemos força e energia;
confirma em nós a serenidade e a firmeza de coração;
torna-nos capazes de suportar pressões exteriores e momentos de confusão,
sentindo-nos seguras no terreno que pisamos.

“E quando o coração acorda,
a busca começa e já não é possível voltar atrás.
A partir de então, somos como que inflamadas por um desejo singular
que não permite hesitar para ficarmos
no rés-do-chão da complacência ou em meias-medidas.
Uma vez aberto esse caminho espiritual,
poderemos levar ao mundo e às vidas de outros
uma generosidade imensa.

Para nós, a Taça do Graal é exactamente
essa “pérola de grande valor, o tesouro escondido num campo”:
é uma taça de Benção.
Intuitivamente sabemos que se pudéssemos encontrá-la,
ela satisfaria toda a fome e sede de pertença
não só de cada coração desejante,
como as dos corações de toda a família humana,
desafiando-nos à partilha do que possuímos.
Vivemos num mundo sedento, faminto de pão e de amor,
de alimento, vestimento e abrigo;

de segurança, intimidade e liberdade,
de justiça e de paz.
E então procuramos amorosamente responder.

Amar implica muitas vezes sofrimento.

E por vezes esse sofrimento só pode ser totalmente
sarado pelo sacrifício.

Por isso com frequência temos a noção de o nosso amor não ser mais que uma frágil chama a trazer
algum calor e uma pequenina luz
susceptíveis de apagar-se perante as dificuldades.

À medida que crescemos na consciência da dor de outros e do sofrimento do mundo, procuramos de
algum modo dar-lhes resposta.

(...) No entanto muito nos foi dado: muita bênção.

Há milhões de coisas pelas quais temos de dar graças:

pelo alimento, pelos amigos e pela família, pelo riso e a diversão,
pela bondade, a verdade e a beleza,

pelo “admirável, alegre e irrepitível acontecimento Terra” (e.e. cummings)

e, em particular, pelo privilégio da própria vida.

Há que expressar a nossa gratidão

e dos nossos corações erguer-se-á naturalmente uma acção de graças,
excepto talvez nos tempos de dura angústia.

Assim, colocamos as migalhas do nosso trabalho

e as gotas de vinho das nossas experiências

nessa Taça, e erguemo-las no altar da vida.

Então uma transformação extraordinária acontece nessas migalhas das nossas vidas,

nessas gotas dos nossos sentimentos de alegria e medo.
Assim tudo é santificado, sacrificado, isto é, tornado sacro,
capaz de gerar vida, poderoso e eficaz,
ao ser incorporado no sacrifício de Cristo.

De um modo que quase nem ousaríamos esperar
isso ajuda a assegurar que os que têm fome
possam partilhar do pão do mundo;
que os pobres possam perdoar a ambição dos ricos;
que os isolados encontrem lugar numa comunidade de amor;
que os alienados se sintam de novo bem-vindos numa sua calorosa casa.

Todos precisamos alimento,
para o corpo e para a alma.
E quando tomamos parte do pão e do vinho transfigurados
vivemos a alegria da unidade que já existe entre nós,
e que nos enche de força e amor
de forma a tornarmos a unidade mais profunda, mais ampla, mais perfeita.

Muitos cristãos têm experimentado tudo isto em profundidade
na celebração da Missa e noutras celebrações comunitárias:
essa experiência da comunhão,
de se ser “um com” Deus e todas as pessoas,
unidade essa que vai muito mais longe que a soma de todas as partes.
(...) Muitos grupos do Graal puseram a sua confiança
‘inclusive’ nesse alimento espiritual
e nessa fonte de inspiração e de união.
Todas nós esperamos que chegue o tempo
em que a celebração da Eucaristia seja ‘inclusiva’
aberta a todas as cristãs que crêem,
ajudando-nos a viver em harmonia de mente e coração.(...)

